



**Instituto de Letras**  
**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**  
**Licenciatura em Letras/Português**  
**Monografia em Literatura**

**LARISSA DE ARAUJO ALVES**  
**12/0124408**

**ABORDANDO QUESTÕES DE GÊNERO POR MEIO DA  
LITERATURA NO ENSINO MÉDIO**

<b>MENÇÃO</b>	
---------------	--

**PROFA. DRA. CÍNTIA SCHWANTES**

Brasília- DF  
2º/2016



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Letras**

**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**

**Monografia em Literatura**

**Abordando questões de gênero por meio da Literatura no ensino  
médio**

Larissa de Araujo Alves

Brasília

2016

Larissa de Araujo Alves 12/0124408

**Abordando questões de gênero por meio da Literatura no ensino médio**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português e respectivas Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Português, sob orientação da Profa. Dra. Cíntia Schwantes.

Brasília, DF

2º/2016

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho ao nosso futuro, que um dia tomará a ideia proposta aqui como base para a criação de uma nova educação sobre gênero, que terá espaço em nosso currículo escolar, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio.

## **AGRADECIMENTO**

Aos meus pais, Fábio e Simone, por apoiarem as minhas ideias mais malucas.

Sempre agradecerei aos meus amigos, é claro, mas alguns em especial por estarem ao meu lado em momentos nos quais achei que ninguém estaria.

Aos meus professores e à Universidade por me mostrarem que posso ser muito mais, tanto como estudante, quanto como mulher.

À minha orientadora Cíntia Schwantes que me mostrou o quanto meu trabalho é possível e o quanto eu sou capaz de realizá-lo.

“Homens e mulheres devem se sentir livres para serem sensíveis. Chegou a hora de vermos o gênero como um espectro no lugar de ideologias opostas.”

**Emma Watson**

“Quando você abre o livro, é como num teatro: ali está a cortina. Você a arrasta para o lado, e a apresentação começa.”

**Coração de tinta – Cornelia Funke**

Esta monografia falará sobre a importância da abordagem das questões de gênero por meio da literatura. Primeiro, será retratada a relevância da literatura e da leitura em sala de aula. Segundo, falarei sobre a discussão das questões de gênero ser fundamental na escola. Por último, demonstrarei, por meio de um projeto de pesquisa-ação realizado em sala de aula - com alunos do ensino médio -, que a proposta feita nesse trabalho é possível. Serão apresentados relatos de minha experiência com os alunos em sala de aula e as reações e respostas deles ao projeto.

**Palavras-chaves:** literatura, ensino médio, estudos de gênero

## **ABSTRACT**

This text will talk about the importance of approaching gender issues through literature. First, the relevance of literature and reading in the classroom will be presented. Secondly, I will talk about how the debate on gender issues is fundamental in school. Finally, I will demonstrate, through a research project carried out in a classroom - with high school students - that the proposal made in this work is possible. Reports of my experience with the students in the classroom and their reactions and responses to the project will be presented.

**Keywords:** literature, high school, gender studies



## SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1: Literatura e Escola .....	12
1.1 A importância da leitura em sala de aula .....	12
1.2 .....	14
Capítulo 2: A importância das questões de gênero em sala de aula .....	17
2.1 Projeto de extensão .....	18
Sobre o projeto .....	18
Objetivos do projeto .....	19
1ª aula .....	19
2ª aula.....	20
3ª aula.....	22
Considerações finais .....	27
Anexos .....	29
Bibliografia.....	56

## INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoriais, questionamentos acerca do gênero e do papel do homem e da mulher na sociedade têm sido feitos. Durante séculos as mulheres foram vistas como seres inferiores ao homem, e muitas de nossas conquistas foram ignoradas e não ganharam reconhecimento, sendo apagadas com o passar do tempo.

Em 1848, nos Estados Unidos, aconteceu a Convenção de Seneca Falls, convenção sobre os direitos da mulher. No dia 8 de março de 1857, trabalhadoras da indústria têxtil protestaram por melhores condições de trabalho e igualdade de direitos trabalhistas. Esse e outros protestos subsequentes foram reprimidos pela polícia até o dia em que a força policial ultrapassou os limites da segurança física das manifestantes. Em uma de suas reivindicações para redução da jornada de trabalho de 16 horas para 10 horas diárias, e melhores salários, houve uma tentativa de expulsar as operárias da fábrica que haviam ocupado por meio de um incêndio. Como consequência, elas acabaram morrendo queimadas. A repercussão dessa tragédia possibilitou que nós mulheres, aos poucos, fossemos conquistando mudanças nas leis trabalhistas e nas condições de trabalho. No Brasil, o sufrágio feminino só ocorreu em 1932, com o novo Código Eleitoral, no governo de Getúlio Vargas. A partir dessas conquistas, o dia 8 de março se tornou o Dia Internacional da Mulher, nos dando assim esperança na luta pela igualdade de gênero. Esses eventos aos poucos foram dando voz ao feminismo que conhecemos hoje, um movimento social que luta pela igualdade de gênero e por uma sociedade livre de padrões opressores patriarcais que reprimem, não somente as mulheres, mas também homossexuais, transgêneros, e todos que sejam assimilados ao feminino.

Durante esse tempo, a literatura foi uma das formas que alguns artistas utilizaram para expressar suas opiniões e críticas sobre as questões de gênero, mesmo que de forma discreta e implícita. Forma de expressão que não demanda treinamento ou materiais especiais, a literatura logo se tornou o meio de expressão predileto das mulheres. Com a forma de protesto por meio da literatura, muitos autores se expressaram de maneiras distintas, e essas críticas, feitas através de obras literárias, junto com a história do feminismo, nos servem de referência para analisar as questões de gênero através dos séculos, além de servir de referência para muitas obras atuais que abordam o mesmo tema, que se torna cada vez mais atual.

É a partir dessas expressões literárias que tenho a intenção de propor neste trabalho métodos de se iniciar uma abordagem sobre o assunto questões de gênero no ensino médio, para que os alunos possam entender os conceitos básicos do movimento feminista, o que ele busca, e como podemos notar, por meio dessas obras, o preconceito sofrido por todos os corpos que desafiam a ordem vigente.

Atualmente, as questões de gênero não são muito abordadas em sala de aula. Por mais que esse assunto seja discutido há tempo considerável e de várias maneiras distintas, algumas escolas ainda não assimilaram a relevância do tema, que, mesmo em áreas das ciências humanas, não é abordado com muita profundidade. Por esse motivo, partimos da ideia de abordar essas questões em aulas de literatura utilizando obras que falam dessas questões, seja de maneira implícita ou explícita, para introduzir o tema de forma dinâmica, o que traria aos alunos propriedade para falar e discutir sobre o tema, elaborando suas opiniões sobre questões de gênero em conjunto, e com algum embasamento teórico.

A finalidade deste trabalho é dar liberdade aos professores de literatura, e de outras áreas, para falar sobre as questões de gênero em sala de aula por meio da literatura, e dar também liberdade aos alunos para que possam conhecer o tema em obras literárias e expressar suas próprias opiniões sobre o assunto, sem deixar que este passe despercebido no âmbito escolar.

O objetivo da literatura seria, além de introduzir o tema, esclarecer que esse assunto não surgiu de forma repentina no século atual, mas que há muito tempo é abordado por pensadores e sociólogos. O objetivo desta proposta não é sugerir uma aula de história em plena aula de literatura, mas mostrar que as discussões que envolvem as mulheres e o feminismo já existiam e eram feitas de maneiras distintas, uma delas era a literatura.

No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2015, o tema de redação a ser abordado foi: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, na qual podemos incluir tanto a violência física quanto a psicológica. A reação exagerada contra o fato de o tema da violência contra a mulher ter sido abordado em um evento oficial de grande porte demonstra cabalmente a permanência de vários preconceitos no corpo da sociedade brasileira.

Levando isso em consideração, discussões sobre questões de gênero por meio da literatura poderiam servir como base para assuntos semelhantes à violência contra a mulher e porque isso ocorre, além de base para discutir muito outros pontos, como o

feminismo, por exemplo. Essa base ajudaria o aluno a opinar e criar propostas de intervenção em sua redação sem ferir os direitos humanos, pois inúmeros exemplos de violência contra a mulher podem ser estudados em obras literárias.

A proposta principal deste trabalho é mostrar que podemos utilizar a literatura para discutirmos as questões de gênero em sala de aula. Para que essa demonstração pudesse ocorrer, a proposta foi aplicada em turmas do ensino médio a partir de encontros, que nos foram disponibilizados no âmbito de um projeto de extensão, durante as aulas de artes. Nesses encontros utilizamos o gênero quadrinhos para propor aos alunos discussões sobre as questões de gênero.

Os quadrinhos utilizados para esse debate foram *Persépolis*, de Marjane Satrapi, e *Fun Home*, de Alison Bechdel, além de abordarmos rapidamente uma análise sobre os quadrinhos feita por Antonio do Rêgo, baseada na obra *Desvendando os quadrinhos*, de Scott McCloud. A partir dessas leituras e discussões a respeito do tema, proporíamos aos alunos a produção de um quadrinho com temática sobre questões de gênero. Para exemplificar desenhos simples e mostrar para os alunos que não é preciso desenhar para criar uma história, a intenção era introduzir alguns números do quadrinho *The Order of the Stick*, de Rich Burlew, nos quais o autor cria seus personagens em forma de bonecos de palito. Ao final irei relatar as análises feitas a cerca da inserção da proposta em sala de aula.

## CAPÍTULO 1: LITERATURA E ESCOLA

### 1.1 A importância da leitura em sala de aula

O ensino de literatura em sala de aula tem se distanciado cada vez mais de seu foco principal. A leitura na escola é muito escassa e tem falhado em trabalhar a leitura literária de forma satisfatória. Desse modo, as leituras feitas na escola não permitem que o aluno interprete o texto em suas várias possibilidades, mas sim de formas específicas que, muitas vezes, não se coadunam com as leituras e interpretações que alguns alunos fazem, uma vez que a “resposta certa”, aquela que fará o aluno passar na prova, é priorizada.

Rildo Cosson, em seu artigo *Literatura: modos de ler na escola*, inicia seu texto afirmando que as escolas normalmente não fazem leituras de obras literárias, mas sim aplicações de teorias que não trazem liberdade ao aluno de conhecer a obra estudada como um todo. O autor segue afirmando que o objetivo de abordar outros modos de leitura não é formar profissionais de Letras nas escolas, mas sim um leitor competente. Outras práticas de leitura também são muito condenadas e o ensino de literatura se perde através dos anos escolares.

No ensino médio, apesar de termos uma matéria específica para o estudo de literatura, seu currículo se restringe apenas ao ensino de história da literatura e de períodos ou escolas literárias. Assim, o único modo de leitura trabalhado em sala de aula se restringe a utilizar partes das obras para identificar os traços de cada período literário. A ideia do autor é também utilizar distintos modos de leitura dentro de um sistema coerente para que cada um tenha seus fins pedagógicos, ou seja, abrir as portas para diferentes abordagens além da estética-histórica, para que cada modo de leitura possa atingir seu objetivo.

Cosson também expõe o objetivo buscado ao propor distintas formas de leitura na escola, o que se assemelha bastante com meu objetivo. Os diferentes modos de interpretação do texto literário em sala de aula buscam formar o leitor, assim como meu objetivo é, além de formar o leitor, formar alguém consciente do que acontece em sociedade e preparado para opinar e defender seus pontos de vista. A literatura possui a capacidade, entre outras, de promover o exercício da reflexão. Porém, a prática que presenciamos nas escolas limita os objetivos da literatura, reduzindo suas capacidades e

transformando a matéria escolar em um pequeno curso de história da literatura.

O autor mapeia doze modos de ler e estudar a literatura. Podemos destacar entre eles o modo de ler do *contexto-intertexto* que tem como objetivo ler a obra como documento social, para se conhecer e discutir fatores e questões da sociedade. É exatamente esse modo que me proponho a utilizar, mesmo que agregando outros modos, pois o autor explica também que muitas vezes podemos utilizar dois modos de leitura simultaneamente. Porém, nosso propósito principal é utilizar a literatura para discutir especificamente as questões de gênero. Se esse modo de leitura é possível, porque não utilizá-lo em sala de aula?

A proposta do autor Rildo Cosson busca aproveitar ao máximo tudo que a literatura nos possibilita interpretar, e é a partir dessas ideias que me proponho a escrever sobre um desses inúmeros modos de se ler a literatura, pois sabemos muito bem que as obras literárias não nos possibilitam refletir apenas as características de suas escolas, mas também questões da sociedade que permanecem em discussão até os dias atuais.

Por sua vez, Patrícia Medeiros, em seu artigo *Ensino e literatura na formação do leitor crítico*, defende que a ideia de letramento literário está baseada em utilizar a literatura como instrumento para desenvolver a capacidade crítica do leitor e é exatamente nessa ideia que minha proposta se baseia. A história da literatura não precisa perder sua importância, mas também é necessário mostrar para o aluno que aquele conteúdo está ligado a nossa sociedade de maneiras distintas. Medeiros também afirma que esse letramento literário não acaba ao final do ensino médio, mas continua influenciando e fazendo parte da nossa vida. Além disso, esse letramento também não se limita ao cânone, pois pode ser desenvolvido com inúmeros gêneros literários.

Além disso, ela também aborda a possibilidade dada pela leitura de conhecer-se a si mesmo e ao outro, de despertar a imaginação, de se colocar no lugar do outro, além de desenvolver a criatividade e a percepção de mundo. Entretanto, esse letramento idealizado encontra dificuldades no ambiente escolar, pois, como já citamos, ainda se persiste na utilização de um currículo que abrange apenas uma noção de cronologia na literatura, e se esquece que é preciso ter contato com o texto para conhecê-lo e ter essa experiência do letramento literário.

A autora menciona que essa decisão de abordar um currículo cronológico seria do professor, mas acredito que vai muito além. Não é decisão apenas do professor decidir que conteúdos abordar e como abordar, já que a escola também busca

professores que utilizam o método historiográfico, pois muitas instituições acreditam que esse é o melhor método para ter um bom desempenho em vestibulares, uma vez que é dessa forma que os exames cobram o conhecimento do aluno. Todos colaboram, diretamente ou indiretamente, para que essa abordagem prossiga sendo utilizada em sala de aula.

## 1.2

É justamente a partir dessas influências externas sobre as decisões do que precisa ser estudado em sala de aula que surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais da LDB, que trazem liberdade ao professor de introduzir ou não o ensino de literatura em suas aulas, o que dificultaria ainda mais a implementação de uma possível proposta de letramento literário necessária para a formação do indivíduo, além de diminuir a importância da literatura no desenvolvimento do aluno, já que vestibulares exigem, via de regra, historiografia literária.

Entretanto, essa liberdade se torna cada dia mais manipulada. Poucos professores utilizam essa liberdade de maneira positiva e decidem abordar discussões importantes para a formação de um aluno crítico e ciente de tudo que envolve a sociedade. Apesar disso, os defensores do Movimento Escola Sem Partido acusam as escolas de “doutrinação ideológica” e querem impedir que os professores se expressem em sala de aula, pois consideram nossas opiniões impróprias.

Dessa forma o Movimento Escola Sem Partido (MESP) volta a fazer parte das discussões atuais, pois, como afirma Luis Felipe Miguel em seu artigo *Escola Sem Partido e as leis da mordida no parlamento brasileiro*, esse movimento se apresenta como uma iniciativa de pais e alunos preocupados com a contaminação político-ideológica que os alunos recebem dos professores em todos os níveis escolares. Esse movimento foi “Fundado em 2004, pelo advogado Miguel Nagib, o MESP permaneceu na obscuridade até o início da década de 2010, quando passou a ser uma voz frequente nos debates sobre educação no Brasil. Seu programa foi abraçado por todos os grupos da direita brasileira.” (MIGUEL, 2016). A recusa dos conservadores em discutir questões de gênero e homofobia em sala de aula fez com que o movimento mudasse o foco para que assuntos como esse não pudessem ser abordados em sala com o argumento de que essas discussões poderiam colidir com as ideias defendidas pelos pais de cada aluno e impedi-los de educar seus filhos da forma como desejam.

Dentro dessas discussões, a maior preocupação seria o impacto da discussão sobre igualdade e sobre gênero na escola, pois, para os conservadores, isso impediria a consolidação da identidade masculina e feminina. Por isso há uma tentativa de abolir esses temas em sala de aula. Miguel afirma que o MESP, como oposição ao que eles denominam ideologia de gênero, teria como base impedir os professores de transmitirem conteúdos que se oponham aos valores prezados pelos pais. Porém esses valores não incluiriam somente questões de gênero, mas também posições políticas e até a teoria da evolução das espécies e o heliocentrismo, conteúdos que hoje se encontram consolidados no currículo. Isso se aplicaria a todas as áreas de humanas, incluindo a literatura, fechando, assim, as portas para uma futura proposta de se trabalhar gênero dentro da literatura.

Nesse mesmo ponto, o autor também aborda o fato de o conteúdo escolar ser visto como apenas um conteúdo, separado de valores e ideologias, quando na verdade, é na escola que os alunos conhecem opiniões e valores diferentes dos deles e fazem suas escolhas sobre qual caminho querem seguir. Com essas proibições, os filhos são vistos como propriedade dos pais e incapazes de fazerem suas próprias escolhas, sendo destinados a seguirem o caminho dos pais.

Os projetos de Lei propostos pela Direita que defendem o Movimento escola sem Partido tramitam atualmente pelo Congresso. Alguns desses projetos impedem que a escola lute contra o preconceito, a intolerância e a violência por meio de projetos ou aulas sobre o assunto, com o objetivo de “preservar a soberania da família na formação moral dos mais novos”. No entanto, vale lembrar que existem famílias sem estrutura e que não são capazes de contribuir para a formação moral das crianças, dentro de casa; em muitos casos, também há opressão e violência no interior da família, e a escola deve ser o lugar no qual o aluno possa abrir a mente e ter acesso a informações necessárias para refletir sobre seu papel na sociedade. Além disso, todo esse processo pode aumentar ainda mais a violência ocasionada por gênero, como o feminicídio e assassinatos de *gays*, lésbicas e travestis.

O movimento foi denominado pela oposição como “leis da mordaça”, pois todos os projetos fazem com que nós professores sejamos vistos como uma ameaça e acabaremos ficando a mercê dos pais, sem poder opinar e realizar nosso trabalho de modo pleno e digno. O movimento Escola Sem Partido está literalmente afirmando a eliminação da liberdade de expressão dos professores. Não há como desvincular dos professores a responsabilidade de escolher um caminho que julgamos adequado para a



formação de nossos alunos. Com o movimento, toda a ideia e proposta exposta neste trabalho não poderia ser colocada em prática, tirando assim a oportunidade de muitos professores de operar mudanças necessárias no ensino de literatura.

Aline dos Santos inicia seu texto *A questão do gênero na sala de aula* associando a sala de aula com dois grupos de grande importância para esse meio: os alunos e os professores. Ela expõe a afirmação de Émile Durkheim de que a principal função do professor é formar cidadãos capazes de contribuir para a harmonia social. É verdade que quando entramos na escola somos muito inexperientes e não temos tanta noção deste certo e errado impostos pela sociedade, mas acredito que essa mesma sociedade já nos impõe tantas exigências e já separa dentro de nossas cabeças que homens e mulheres são distintos, gostam de objetos distintos, brinquedos distintos, cores distintas e possuem funções distintas, que um dos inúmeros objetivos da escola deveria ser desconstruir essa separação de gênero e esse “pré-conceito”, mostrando que o ser humano tem liberdade de ser quem ele quiser ser e, principalmente, quem ele acredita e sente ser.

Essa harmonia social citada por Santos se concretizaria logo após a desconstrução de gênero que a escola faria. Compreendo que não é fácil entender e respeitar aquilo que não se conhece, mas em que parte de nossas vidas tivemos a oportunidade de conhecer melhor as questões de gênero? Polyanna Oliveira, em seu artigo *A importância do ensino sobre questões de gênero na educação*, nos traz um capítulo explanando, de maneira breve, as definições de orientações sexuais como heterossexual, bissexual e homossexual, além de outras identidades de gênero, como os travestis e os transexuais. Essas definições não são explanadas em sala de aula, inviabilizando a oportunidade dos alunos de conhecer e entender melhor o porquê de algumas pessoas escolherem tipos de orientação sexual diferentes do seu sexo biológico. Essas definições não são apenas biológicas, envolvem sentimentos, envolvem a forma como nos vemos no mundo em que vivemos, e muitas pessoas não conseguem respeitar aquilo que não entendem. Por isso, acredito que é necessário abordar essas definições e esses temas em sala de aula para que os alunos possam entendê-las, bem como a maneira como as pessoas que se encaminham para outro tipo de orientação sexual se sentem, para que a harmonia social consiga crescer e se expandir para além do meio escolar, e caminhar para ambientes de trabalho, ambientes familiares, vizinhanças, festas entre outros ambientes sociais.

Além disso, o conhecimento mais amplo desse assunto e o entendimento por

parte da sociedade traria uma diminuição na violência relacionada às questões de gênero. Oliveira afirma que

“pouco mais de 65% deles já sofreram agressões verbais, físicas ou sexuais pelo mesmo motivo. Mapearam também onde essas discriminações são mais vivenciadas: 34% entre vizinhos ou amigos, 32% na escola ou na faculdade, quase um quarto dos entrevistados sofreram exclusão em ambientes familiares, 16% em ambientes de trabalho e 12% em serviços de saúde. Os travestis e os transexuais são os que mais sofrem com as violências devido a uma maior visibilidade de sua orientação sexual.”<sup>1</sup>

Podemos perceber que não é somente na escola que essa falta de compreensão e entendimento se propaga e impede a harmonia social, mas também em outros meios nos quais deveríamos nos sentir seguros, como o ambiente familiar, por exemplo. A política também propaga uma aversão enorme à abordagem e aceitação dos diferentes tipos de orientação sexual, propondo, como falamos no capítulo anterior, a cessação da abordagem sobre questões de gênero em sala de aula. Entretanto, sabemos que o meio escolar, um meio de aprendizagem e socialização, é o lugar perfeito para se abordar essas questões e promover a desconstrução dos preceitos impostos pela sociedade.

No espírito de contribuir para a discussão de questões de gênero em sala de aula, no âmbito dessa monografia, inserimos a participação em um projeto de extensão que será exposto a seguir.

## 2.1. PROJETO DE EXTENSÃO

### Sobre o projeto

O projeto Promovendo saúde por meio da literatura: direitos fundamentais, coordenado pela professora Cíntia Schwantes, consiste em abordar as questões de gênero com os alunos do Centro de Ensino Fundamental 5 do Paranoá, por meio de alguns encontros com os alunos nas aulas de artes cedidas pela professora da matéria.

Utilizamos três encontros para falar sobre essas questões utilizando dois quadrinhos distintos. Nossa intenção era abordarmos também a construção de uma história em quadrinhos, demonstrando as transições de cena. Exemplos de quadrinhos que, mesmo feitos de forma simples, conseguem nos passar a mensagem desejada também seriam abordados, mas infelizmente a proposta não coube dentro do número de

---

<sup>1</sup> Pesquisa “Políticas, Direitos, Violência e Homossexualidade” desenvolvida na Parada do Orgulho GLBTT de 2005.

encontros alcançados. Utilizamos o gênero quadrinhos para trabalhar com um gênero literário que envolva as artes; assim, seria proposto aos alunos a criação de um conteúdo do mesmo gênero e com o tema abordado em sala nos encontros.

### Objetivos do projeto

Nosso objetivo é abordar as questões de gênero, pois o assunto é pouco trabalhado em sala e precisa ser discutido. Além disso, iremos testar uma das possíveis maneiras de abordar o assunto em sala de aula, e como os alunos reagem a esse tipo de abordagem. É parte importante do projeto ouvi-los, saber o que pensam sobre o assunto e quais são as opiniões já formadas por eles, já que seu posicionamento prévio terá grande impacto nos resultados obtidos. Com isso, podemos repensar se esse projeto se encaixa também em outras disciplinas e com outros gêneros literários e outros tipos de abordagem.

### 28/9/16 - 1ª Aula: Apresentando as transições utilizadas nos quadrinhos

Ao chegarmos, a professora de artes decidiu levar os alunos para fora da sala, pois estava muito quente. Os alunos se dispersaram muito, pois arrumaram o material e já queriam se preparar para ir embora. O espaço tampouco era adequado, sendo grande e sem carteiras, o que os levou a sentarem-se apoiados na parede oposta à que foi utilizada como tela de projeção; dessa forma, não puderam fazer uma leitura individual do texto. Começamos a aula perguntando se eles liam quadrinhos e qual estilo de quadrinho eles gostavam, mas poucos responderam que leem e esses poucos gostam de ler quadrinhos de super-heróis. Alguns disseram que gostam de ler *The Walking Dead*. Começamos pedindo para que alguns deles lessem em voz alta o texto que levamos e projetamos, mas poucos se dispuseram, pois estavam bem tímidos.

Lemos todo o texto e tentamos explicar de outras formas as transições expostas no texto de Antonio do Rêgo (vide anexos, p. 27). Falamos sobre a atividade que passaríamos para eles e que precisariam saber sobre as transições citadas no texto para entender como montar seus próprios quadrinhos. Alguns alunos se interessaram em receber o texto para poder estudá-lo melhor e utilizá-lo na atividade. Depois disso resolvemos conhecer os alunos um pouco melhor, perguntando seus nomes e o que gostam de fazer. As respostas foram bastante reveladoras, pois descobrimos que muitos

gostam de desenhar e até de ler fantasia, romances e poesia. Ao final, falamos um pouco sobre o conteúdo da próxima aula e finalizamos.

Levando-se em conta os elementos adversos que ocasionaram a dispersão da atenção dos alunos, foi possível perceber que alguns deles se interessaram pela proposta de atividade.

5/10/16 – 2ª aula:

No segundo encontro, chegamos cedo à escola e muitos alunos nos reconheceram e nos cumprimentaram. Descemos até a sala na qual os alunos normalmente tem aula, falamos com a professora e cumprimentamos os alunos. Em seguida, ligamos o datashow e abrimos a primeira seleção do quadrinho *Persépolis* (vide anexos, p. 30).

Pedimos para que algum aluno lesse a seleção, porém a timidez os impedia. Um aluno se candidatou a ler e começamos. A primeira seleção relatava a tentativa da personagem Marjani de ler “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, que termina com a personagem decidindo se tornar uma mulher livre e emancipada antes de aprender a urinar como um homem. Os alunos ficaram meio confusos com o recorte do quadrinho, mas explicamos a situação do Irã e como as mulheres eram vistas e tratadas naquele país, isso fez com que os alunos entendessem tudo um pouco melhor.

Na segunda seleção, Marjani fala como era uma de suas várias moradias em seu período de estudos na Áustria, dessa vez em um alojamento compartilhado. No quadrinho a personagem compartilha a casa com oito homens homossexuais e sua mãe fica bem assustada, mas ao mesmo tempo se sente mais tranquila. Pedimos mais uma vez para que algum aluno lesse e, novamente, um menino se candidatou. Depois da leitura, contextualizamos um pouco o recorte para que os alunos pudessem entender o porquê de ela estar em um alojamento e começamos a questionar os alunos sobre o que as pessoas pensam dos homossexuais aqui no Brasil, comparando com o relato do quadrinho e percebendo que as reações são muito parecidas, pois ao contrário da geração atual que se encontra mais familiarizada com o homossexualismo, muitas mães se assustam ao ver os filhos na companhia de gays e lésbicas. Também comentamos o fato de que os homossexuais são vistos quase como pessoas do sexo feminino por se relacionarem com homens, o que leva muitas mães a acreditarem que a companhia de um homossexual para suas filhas é mais segura.

A seleção três nos traz um foco diferente. A personagem Marjani está na faculdade de artes no Irã e enfrenta a exigência do reitor da universidade de que as mulheres usem véus mais compridos e calças mais largas, pois estão chamando muito a atenção dos homens. Nesse momento explicamos um pouco aos alunos sobre o fato de o véu ser exigido no Irã e como as mulheres se sentem, além de apresentar um trecho sobre as aulas de desenho, que eram feitas com uma modelo que vestia uma burca, sendo difícil o treino do desenho de anatomia, pois o corpo das modelos estava coberto por completo. Os alunos ficaram meio chocados com esse relato, por que as mulheres brasileiras não usam esse tipo de roupa, mas a exigência feita por Marjani no quadrinho, para que os homens também mudem suas roupas e não seduzam as mulheres, nos trouxe a comparação de por que os homens brasileiros podem sair sem camisa e as mulheres não podem sair sem blusa e sutiã. Esse questionamento fez os alunos perceberem que a comparação é muito pertinente, pois, apesar de serem duas culturas distintas, o mesmo tipo de preconceito também ocorre em nosso país.

Muitos alunos relataram que isso realmente acontece e que consideram isso errado e machista. Algumas alunas disseram sentir receio de andar com roupas consideradas mais curtas como vestidos ou shorts com medo do que as pessoas vão pensar, e uma delas disse que os meninos realmente comentam e criticam as meninas por causa disso.

No quarto recorte do quadrinho podemos ver a reação das estudantes de artes ao ter que desenhar uma modelo coberta com a burca. Os alunos viram o desenho feito por Marjani e se impressionaram ao ver o estilo de burca que as iranianas utilizam e também ficaram chocados com a exigência das autoridades em fazer com que as mulheres não olhem para homens ou se exponham de maneira que eles consideram vulgar. Retomamos a discussão do recorte anterior sobre o protesto de Marjani contra esse tipo de atitude da reitoria e comparamos com a nossa realidade mais uma vez, relatando e comparando com situações ocorridas no Brasil, falamos também do calor e como deve ser difícil para as iranianas serem obrigadas a usarem o véu ou a burca completa no calor desértico. Solicitamos que os alunos imaginassem as mulheres brasileiras usando esse tipo de roupa no calor do Brasil para que eles pudessem ter uma noção de como seria ruim.

No último recorte, Marjani conta uma experiência bastante engraçada e que fez nossos alunos caírem na risada. A personagem é advertida na rua por policiais por estar correndo (para não perder o ônibus) e deixando seu “traseiro fazer movimentos

impudicos”. A personagem se vê irritada e acaba gritando com os policiais para não olharem para seu bumbum. Ao comparar com nossa realidade, os alunos perceberam que o mesmo acontece em nosso país, muitas mulheres são cantadas e desrespeitadas na rua. Este recorte foi o único que uma menina aceitou ler e, aos poucos, percebemos que as mulheres da sala não gostam de se expor, mesmo concordando com muitos aspectos que foram discutidos. Perguntei se muitas já haviam sido cantadas na rua de maneira desrespeitosa e o que tinham sentido, mas a maioria se furtou a responder e simplesmente concordou com minhas afirmações. Um dos meninos nos lembrou que muitas mulheres eram acusadas de serem as culpadas pelo seu próprio estupro. Isso ocorre muito com a desculpa de que a roupa usada pela vítima era imprópria e que havia sido escolha dela usar aquela roupa e, portanto, ficar mais suscetível a possíveis assédios. A partir daí outros meninos falaram sobre o machismo e chamaram essa atitude de “idiota” e “machista”.

Em seguida conversamos um pouco com eles sobre a criação dos quadrinhos. Mostramos com *Persépolis* que muitas HQ's podem ter temas mais adultos e que o gênero não é voltado apenas ao público infantil. Também comentamos que, quando eles fossem criar seus próprios quadrinhos, poderiam abordar temas sobre gênero ou situações semelhantes às dos quadrinhos estudados em sala.

Mudamos de assunto e conversamos um pouco sobre a Universidade de Brasília e a professora Cíntia mencionou que utiliza jogos de RPG para dar aulas de literatura inglesa aos alunos da UnB, o que despertou bastante o interesse dos alunos, que questionaram sobre quais jogos ela utiliza e como ela faz isso. A professora explicou brevemente e, aos poucos, alguns alunos começaram a se interessar pelo curso de Letras e como são as aulas do curso. Um aluno em particular comentou que gosta muito de aprender inglês e até faz curso para aprender o idioma. Ele demonstrou interesse no curso de Letras inglês perguntando, ao final da aula, se eu daria aula de inglês e se eu gostava de estudar inglês também. Combinei ao final da aula de mandar as seleções dos quadrinhos para o e-mail dos alunos para que eles pudessem estudar e já ter ideias para suas criações. Em seguida nos despedimos dos alunos e da professora de artes e fomos embora.

19/10/16 - 3ª aula:

Ao chegarmos, no terceiro dia, os alunos estavam bem agitados. Enquanto

arrumávamos o projetor, a professora passava informações escolares a alguns deles. Começamos apresentando a primeira seleção do quadrinho *Fun Home*, de Alison Bechdel (vide anexos, p. 41). Nessa seleção, Alison mostra como sua família demonstrava ser perfeita, mesmo com tantos problemas e começa a se fazer perguntas sobre seu pai e a forma como ele agia, deixando claro que seu pai mantinha casos com rapazes adolescentes.

Um dos alunos que habitualmente se dispõe a ler as seleções se candidatou novamente. Expliquei resumidamente a história do quadrinho e o objetivo da autora em escrever sua autobiografia. Falei sobre o fato de a autora mostrar ao leitor como seu pai tinha características tidas como femininas, e como isso influenciou na desconfiança que ela tinha de o pai ser homossexual e a comparação que ela fez consigo mesma e com sua forma de agir e pensar. Como a primeira seleção fala que o pai de Alison usava maquiagem, a professora Cíntia menciona como a maquiagem era utilizada na Renascença, como ela era vista como sinal de nobreza ou de poder. A professora de artes da escola também mencionou como a maquiagem é usada atualmente por músicos, como os roqueiros, além de atores de filmes e novelas. Brincos, que são considerados um adereço feminino, eram usados pelos piratas.

Convidei mais uma vez outro aluno a ler. Acredito que os alunos tem muita dificuldade de entender a ordem de leitura dos quadrinhos por não terem muito contato com o gênero. Na terceira seleção Alison fala um pouco sobre como, aos poucos, se descobriu lésbica e como decidiu contar aos pais. A professora Cíntia explicou um pouco sobre as tragédias de Shakespeare e o que a referência de alívio cômico citada no quadrinho se encaixa com o recurso que o bardo explora em suas peças. Expliquei para os alunos também sobre os questionamentos da autora em relação à morte do pai, se foi acidente ou suicídio, e se ela teria alguma culpa nessa morte. Falamos um pouco também sobre a geração Baby Boom, geração conservadora dos anos 50 na qual os pais de Alison se encaixavam, diferente dela, que nasceu em uma geração mais aberta dos anos 80.

Mais uma vez convidei outro aluno a ler e expliquei a ordem de leitura. Novamente a seleção aborda um pouco sobre como foi a descoberta da homossexualidade de Alison. Dessa vez ela faz pesquisa em livros, de romances homossexuais a livros que exploram definições do homossexualismo e lesbianismo, além de explicar melhor como decidiu contar aos pais que era lésbica. A professora Cíntia explicou novamente as referências literárias para os alunos entenderem o porquê



dos livros mencionados no quadrinho. Entre eles está *O poço da solidão*, de Radclyffe Hall, e *Maurice*, de Edward Morgan Forster. Comentamos também sobre a aceitação de livros que abordam temáticas LGBT, comentamos como era difícil a aceitação dessas obras antigamente e como hoje se tolera um pouco mais, apesar de ainda haver muito preconceito com essa temática na literatura.

Novamente chamo alguém para ler e uma aluna se candidata. A seleção quatro fala sobre a visão da Alison em relação a outros homossexuais. O quadrinho mostra a autora conhecendo um casal homossexual amigo da família com os quais ela se identifica, além de assistir a um musical intitulado *A Chorus Line*, que aborda relatos de dançarinos e dançarinas que contam suas histórias para conseguir um papel em uma apresentação. No meio de muitas histórias haviam relatos de artistas que se descobriam homossexuais e lidavam com inúmeros conflitos, fazendo com que Alison se identificasse com o musical. Comentamos também sobre outros bailarinos da vida real que também eram homossexuais, apesar de existirem muitos que não são.

A mesma aluna se dispõe a ler a última seleção, na qual Alison tenta aos poucos abordar o assunto homossexualismo com o pai e tenta contar que é lésbica. Ela também conta que muitos livros que o pai lia e indicava a ela serviram de referência para sua opção e ela acreditava que, muitas vezes, o pai indicava livros por talvez saber que a filha tinha dúvidas sobre quem ela era. A professora Cíntia explicou a referência ao filme *Parceiros da noite* com Al Pacino, e a referência ao personagem Ulysses de *Odisseia* e a obra *Ulysses* de James Joyce, que utiliza a *Odisseia* como mote para sua escrita. Explicamos também o porquê de tantas referências, pois o pai de Alison possuía uma biblioteca e a autora foi criada em meio aos livros.

Perguntamos aos alunos se queriam comentar algo e se já viram situações como a do quadrinho em filmes ou desenhos. Comentamos também sobre o beijo gay que ocorreu em uma novela brasileira e outra na qual havia um casal de mulheres. Os alunos se lembram das novelas e uma aluna comenta sobre uma série de televisão americana chamada *Glee*, na qual também podemos ver casais homossexuais. Os alunos também lembram do filme *Azul é a cor mais quente*, que conta a história de duas garotas que se relacionam, trazendo uma grande polêmica por envolver cenas mais explícitas entre elas. Conversamos com os alunos também sobre como os americanos abordam a temática de forma mais aberta, diferente dos brasileiros que estão lentamente e sutilmente abordando esse assunto.

A professora de artes comenta sobre a diferença de aceitação entre o homem gay

e a mulher lésbica, sendo o homem considerado mais aceitável que a mulher. Discutimos também sobre estereótipos, sobre como o cabelo curto em mulheres é associado ao lesbianismo, ou o homem usar maquiagem ou cores denominadas femininas, como a cor rosa, se associa a tendências homossexuais. Falamos sobre celebridades com esse tipo de aparência que mostraram para a sociedade que a nossa imagem não reflete necessariamente a nossa orientação sexual. Comentamos também sobre as argumentações de alguns deputados de que biologicamente dois homens não podem ficar juntos, pois não conseguem reproduzir. Mas e os casos nos quais a mulher ou o homem heterossexual é estéril? Será que eles simplesmente não poderiam casar por causa disso? O propósito do casamento não é apenas a reprodução.

Os alunos comentam sobre respeito, que é preciso respeitar, mesmo que não se concorde, e aceitar o outro da forma como ele é. Discutimos também sobre a incapacidade de algumas pessoas de se colocar no lugar do próximo e tentar entender o que acontece. Falamos sobre a criação de um filho atualmente, sobre como alguns pais impõem que o filho seja de um jeito, quando, na verdade, os filhos querem se descobrir e ser o que sentem ser; falamos sobre a desconstrução dessa definição do que é para menino e do que é para menina, feita pela sociedade, e que devemos desmistificá-la na escola. Eles também nos lembram da definição de “família tradicional brasileira”, na qual a família deveria ser composta por um homem e uma mulher e não por homossexuais, e muitos alunos expressaram discordar dessa definição.

Outro assunto que abordamos também foi a diversidade cultural e como isso influencia as visões sobre relacionamento. Em muitos países um homem pode ter várias mulheres e em outros as mulheres podem se relacionar com vários homens. Alguns lugares já contam com casamentos de pessoas do mesmo sexo de forma legal. Isso no Brasil ainda é muito discriminado e a parcela mais conservadora da sociedade ainda não consegue lidar com isso. Após essas discussões o assunto aos poucos foi se encerrando e os alunos foram se dispersando. Desligamos os aparelhos e recolhemos nosso material, nos despedimos dos alunos e fomos embora.

Seguiu-se uma interrupção de três semanas, a primeira devida à Semana Acadêmica, que mobilizou recursos da universidade e nos deixou sem transporte. Na semana seguinte, houve um feriado na quarta-feira, dia dos encontros. Na terceira semana, em virtude da ocupação da UnB foi impossível mobilizar o transporte.

Com todos esses imprevistos e outros que ocorreram nas semanas seguintes,

infelizmente não conseguimos colocar em prática a última parte do projeto que incluiria o quadrinho *The Order of the Stick* (vide anexos, p. 46), para abordar a forma simples de desenho em forma de bonecos de palito, com o objetivo de inspirar os alunos em suas criações. Porém, com os poucos encontros relatados já podemos tirar conclusões sobre como poderia ser o projeto com uma proposta de longo prazo.

O projeto *Promovendo saúde por meio da literatura: direitos fundamentais*, que constitui a parte aplicada desse trabalho, nos mostrou que essa ideia é possível não somente na teoria, mas também na prática. Perceber que os alunos demonstram interesse na abordagem do assunto e também em compartilhar as opiniões deles a respeito do tema e de como ele afeta a nossa sociedade, sinalizou que a participação dos alunos também é importante para que o projeto funcione.

Confesso que tive receio de colocar em prática tudo que estudei sobre as questões de gênero, e que no início os alunos, assim como eu, estavam meio receosos em participar de tudo que planejamos. Mas ao longo do tempo, ainda que curto, de aplicação do projeto e todo nosso estímulo os alunos foram se soltando e nos surpreendendo, mostrando para nós que eles também tinham suas opiniões e se interessavam em discuti-las. Isso é ainda mais significativo, dada a curta duração do projeto.

Nossas ideias para a ampliação do projeto fluem, e acredito que, se tivéssemos o ano inteiro, poderíamos aprofundar muitos outros assuntos, como a violência contra a mulher, o sexismo, e até entender melhor o feminismo e suas variantes. Nesses encontros, percebemos também que é preciso encontrar maneiras adequadas para abordar as questões de gênero em sala de aula, mas que não é impossível um projeto como esse fazer parte dos currículos escolares.

As ideias abordadas nesse trabalho possuem objetivos que, com o projeto, comprovamos ser possíveis de implementar em sala de aula. Como já mencionado, a literatura, além de entreter, também tem a possibilidade de suscitar o pensamento crítico. Como afirmam Santos e Zinani no texto *Leitura e literatura: pesquisa em sala de aula, uma alternativa metodológica*, a leitura favorece o desenvolvimento da autonomia do aluno. A partir desse objetivo e da importância de abordar as questões de gênero em sala, a autonomia do aluno em formar sua própria opinião sobre o assunto nos fez entender que muitos alunos, ao entender melhor do que se tratam essas questões, criaram mais segurança para debater e opinar quando o assunto é abordado, além de o tema se assemelhar com muitas situações de sua própria realidade.

Tampouco é somente na literatura canônica que podemos nos basear para tratar das questões de gênero. O projeto relatado nesse trabalho nos provou que podemos utilizar inúmeros gêneros literários para abordar e debater o assunto, podendo ser utilizados o humor, o suspense e até a fantasia para falar sobre as questões de gênero. É preciso apenas entender os alunos com os quais vamos lidar, e o que poderia interessá-los de maneira mais eficaz, ou talvez nos aproveitarmos de um conteúdo considerado chato pelos alunos e transformá-lo em algo divertido e que ao mesmo tempo consiga atingir nosso objetivo de abordagem sobre questões de gênero.

Além disso, podemos concluir que as questões de gênero não precisam ser abordadas somente nas aulas de literatura ou de artes, mas também podem ser mencionadas nas aulas de história, sociologia, biologia e até matemática. Oliveira afirma em seu artigo *A importância do ensino sobre questões de gênero na educação*, que podemos trazer para resoluções de exercícios de matemática algumas estatísticas que mostrem a desigualdade de gênero ou casos de violência contra a mulher e homossexuais. Dessa forma abrimos mais uma oportunidade de aproximar o aluno da realidade sobre as questões de gênero.

Por fim, temos todo o conteúdo e ideias possíveis de serem utilizados, mas é preciso disposição dos alunos e, principalmente, dos professores em se engajar na ideia proposta e não ter medo de abordar questões tão importantes. Estou ciente de que muitos professores estão dispostos e que o êxito do projeto não depende somente deles, e é muito difícil imaginar que ainda há um governo inteiro para convencer de que essa proposta poderia melhorar as relações em sociedade e ajudar uns aos outros a se

compreenderem.

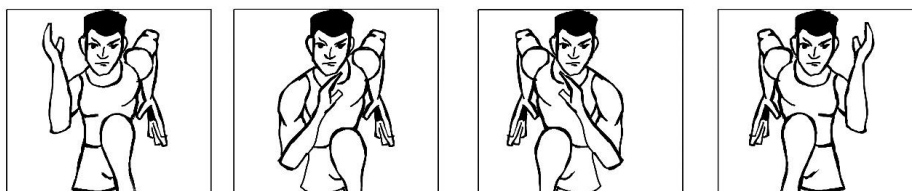
O projeto de extensão que fez parte dessa monografia continua em vigência e será retomado no próximo ano letivo. Esperamos que, com uma duração maior, ele resulte na criação de quadrinhos pelos alunos das classes envolvidas.

Trecho do trabalho de análise sobre os quadrinhos feita por Antonio do Rêgo, baseada na obra *Desvendando os quadrinhos*, de Scott McCloud:

“A correlação entre estas imagens, em que cada quadro mostra um ponto no tempo, é um acordo silencioso entre o autor e o leitor (ou autores, no caso da maioria dos quadrinhos modernos). A este processo mental de concluir que cada quadro está relacionado aos outros adjacentes por uma regra que indica a passagem do tempo se dá o nome de *conclusão*. Segundo McCloud, é no processo de conclusão que está o segredo da popularidade dos quadrinhos, e igualmente, o de outras artes visuais. Ao ler uma descrição em um livro, a mente do leitor precisa empregar certa energia imaginando os detalhes e montando as cenas. Assim, seu esforço mental é maior. Isso quer dizer que o processo de conclusão é mais lento e cansativo. Por apresentar as imagens já desenhadas ao leitor, os quadrinhos demandam um esforço mental menor, sendo, portanto, de leitura mais rápida, mas não menos rica e satisfatória.

São a complexidade e energia gastas neste esforço que vão definir os vários tipos de transição que podem ser utilizados pelos autores em suas HQs. Assim, McCloud define seis tipos diferentes de transição quadro a quadro: Momento-a-Momento, Ação-a-Ação, Elemento-a-Elemento<sup>2</sup>, Cena-a-Cena, Aspecto-a-Aspecto e Non-Sequitur.

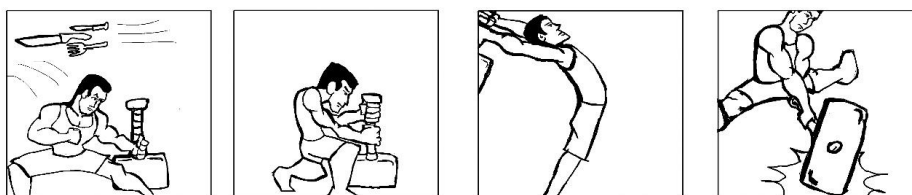
Figura 7 - Transição Momento-a-Momento



Exemplo didático criado pelo autor.

O tipo 1, Momento-a-Momento, é a transição que exige menos esforço por parte do leitor, por ser a que exige a menor quantidade de esforço na conclusão entre os quadros. O uso mais comum dessa transição é o efeito de câmera lenta, em que a relação entre cada quadro é a mais óbvia possível, geralmente com diferença de apenas segundos, dando um efeito cinematográfico à página.

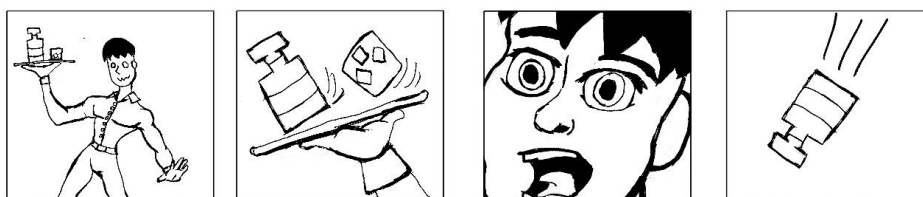
Figura 8 - Transição Ação-a-Ação



Exemplo didático criado pelo autor.

Já no Tipo 2, a transição Ação-a-Ação, a complexidade do evento mostrado aumenta, pois mostra diversas ações feitas por um único personagem. Em alguns casos, cada quadro representa uma ação diferente, e, devido a essa característica, essa transição é extremamente eficiente em contar a história, sendo a mais encontrada em tirinhas, nos “comics” americanos, nos “fumetti” italianos e mesmo nos “mangás” japoneses.

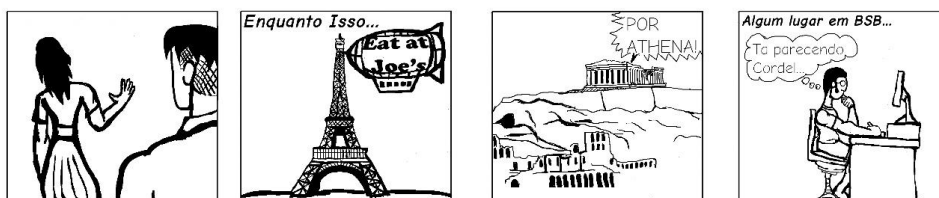
Figura 9- Transição Elemento-a-Elemento



Exemplo didático criado pelo autor.

Assim como a transição descrita no parágrafo anterior, o tipo 3, Elemento-a-Elemento, é também usada com muita frequência, devido à eficiência com que conta a história. Como o próprio nome diz, há uma alternância de dois ou mais elementos nos quadros, que são mostrados em sequência. A despeito de ser a principal maneira de mostrar diálogos entre dois personagens, a natureza dos elementos da composição não influi na sua classificação. Assim, os elementos podem ser pessoas, coisas, agrupamentos, etc. A ênfase da narrativa não está na passagem do tempo, mas na alternância dos elementos que a compõem.

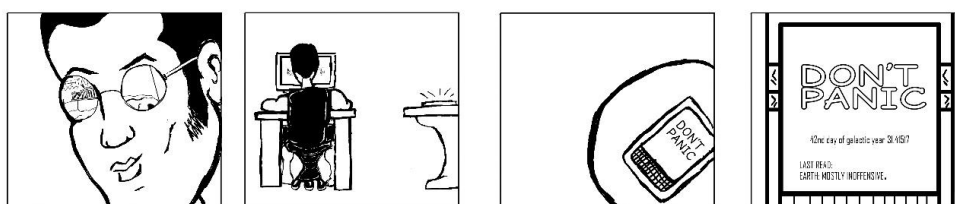
Figura 10 - Transição Cena-a-Cena



Exemplo didático criado pelo autor.

O tipo 4, Cena-a-Cena, é outra transição muito utilizada e presente em quase todos os quadrinhos, mas ainda assim é menos utilizada que as duas últimas. O motivo desse menor uso é que essa transição indica grandes diferenças de tempo e espaço, geralmente correspondendo à mudança de cena do cinema. Neste tipo de transição, o esforço mental para a conclusão é maior, pois os dois quadros não estão imediatamente conectados, e mostram acontecimentos independentes. Esta transição é geralmente acompanhada da conveniente legenda “enquanto isso...” e similares.

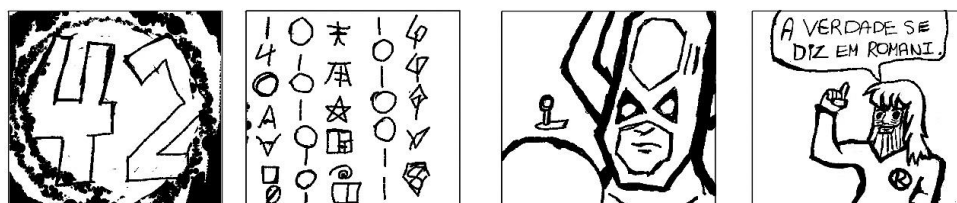
Figura 11 - Transição Aspecto-a-Aspecto



Exemplo didático criado pelo autor.

O tipo 5, Aspecto-a-Aspecto, se destaca das outras transições pela seguinte particularidade: ao contrário dos tipos anteriores, nela não existe uma passagem real de tempo. O esforço mental exigido é maior devido ao fato de que vários quadros com detalhes de uma única cena são apresentados ao leitor, obrigando-o a montar a cena mentalmente. Para diminuir esse esforço, é comum que a sequência seja inteirada com um quadro mostrando o plano geral. Todavia, não há uma real passagem de tempo, e se houver, é ainda menor que a de primeiro tipo, ou irrelevante.

Figura 12 - Transição Non Sequitur



Exemplo didático criado pelo autor.

A transição Aspecto-a-Aspecto exige um nível de esforço mental considerável do leitor, mas ainda é menor que o esforço exigido pelo sexto tipo, se é que este pode ser considerado um tipo de transição. A transição Non Sequitur é caracterizada pela falta de conexão aparente entre os quadros, gerando um resultado considerado absurdo. Ela é comum nos quadrinhos *underground* e experimentais, nos quais o leitor deve concluir que há uma relação entre um quadro e outro, sem que haja um sinal obvio. Portanto, a relação entre os quadros pode ser tão tênue que passe despercebida, ou tão complexa que, em alguns casos, é necessário até mesmo conhecer a biografia do autor em questão para compreender o que está sendo representado ali. Em geral, o significado dessas sequências só aparece depois da terceira ou quarta leitura, exigindo esforço e boa vontade do leitor.

A partir dessa divisão, McCloud iniciou a análise de diversas obras, das mais variadas culturas, para assim definir algumas diferenças básicas entre vários autores e entre vários mercados pelo mundo. O que se segue são algumas conclusões baseadas nestas análises. Os tipos 2, 3 e 4 estão presentes em quase todos os quadrinhos, sendo um grande desafio para o autor escrever uma obra sem a utilização de um deles. O segundo tipo pode ser considerado essencial para uma narrativa por ser o mais eficiente para o ato de narrar. O terceiro aparentemente é usado com menor frequência, mas em qualquer história que requeira mais de um elemento ele se fará presente. O tipo 4 aparece mais em revistas em quadrinhos do que em tiras, uma vez que nestas últimas, por serem mais curtas, as mudanças em cenas geralmente coincidem com o fim da publicação. Mas, uma vez que se publique todas as tiras juntas, como é o caso de várias antologias, então se vê uma presença maciça do quarto tipo.

O tipo 5 é praticamente ausente nos *comics* americanos mais tradicionais, mas é a principal marca do *mangá* japonês. Nos *mangás*, esse tipo de transição serve para estabelecer o ambiente e o clima da cena, principalmente no início de uma grande luta ou evento. Em geral, ele é usado para dar relevância maior às emoções de cada personagem. Cada quadro mostra um detalhe, que o leitor acompanhará nas ações seguintes. Nos *comics*, esse tipo de transição começa a aparecer com mais frequência em meados da década de 90, por influência da concorrência com os *mangás*, e passa a ter um destaque maior na primeira década do século XXI, através da técnica conhecida como “descompressão”. Nessa técnica, o tipo 5 é utilizado para mostrar o maior número possível de detalhes de uma cena. Na prática, a descompressão tem como resultado aumentar a quantidade de páginas da história, muitas vezes além do que seria razoável. Por isso, entre os fãs americanos, é uma técnica, no mínimo, polêmica.

O tipo 1 era quase ausente dos “comics” em seu início, mas, na década de 80, passou a ser mais usada. Por influência do cinema de ação, os quadrinhos passaram a ter uma linguagem mais próxima da cinematográfica, em que é comum aumentar a dramaticidade da cena por meio da diminuição da velocidade em que é apresentada. Ao adaptar esse artifício para os quadrinhos, aumenta-se a presença deste tipo de transição. Apesar deste uso, é interessante notar que, se o foco dos quadros for uma única ação (mesmo que envolva vários participantes) e mostre uma “velocidade normal”, essa transição deve ser considerada momento-a-momento.

O tipo 6 é a marca daqueles autores que se dedicam a explorar os limites da forma dos quadrinhos. Geralmente, são considerados inovadores e profundos conhecedores das possibilidades da mídia. E, talvez por isso, sejam os únicos dispostos a se utilizar desta ferramenta. Um exemplo clássico mas não tão exata de Non Sequitur pode ser encontrado na *graphic novel* *Watchmen*, quando a narrativa dos acontecimentos principais é interrompida para dar lugar à “Hqdentro-da-Hq” *A Maldição do Cargueiro Negro*: uma outra narrativa, que de início parece desconectada; entretanto, no decorrer da leitura descobre-se sua importância para a narrativa principal.”







# O CAVALO

A JULIE E A MÃE TINHAM IDO EMBORA DE VIENA. AGORA EU MORAVA NUM WOHNUNGEMEINSCHAFT. O WOHNUNGEMEINSCHAFT É UM ALOJAMENTO COMPARTILHADO POR UMA COMUNIDADE. EU TINHA HOSPEDAGEM POR 4 MESES.

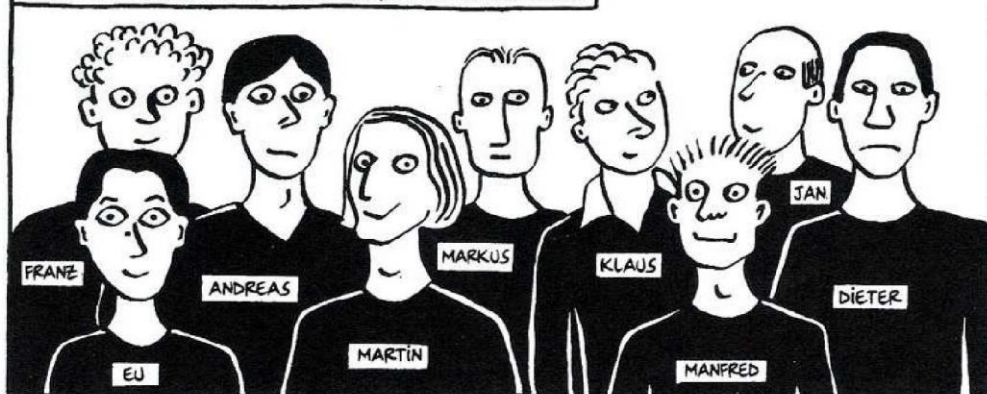


ERA BEM ILUMINADO. EU TINHA UMA CAMA DE CASAL, UM ARMÁRIO E UMA ESCRIVANINHA. FAZIA MUITO TEMPO QUE EU NÃO TINHA UM ESPAÇO PRIVADO.



FOI MUITO BOM.

OS OUTROS 8 INQUILINOS ERAM 8 HOMENS, TODOS HOMOSSEXUAIS.













NO ANFITEATRO, DESCOBRIMOS A RAZÃO DA CONVOCAÇÃO: A REITORIA TINHA ORGANIZADO UMA CONFERÊNCIA CUJO TEMA ERA "A CONDUTA MORAL E RELIGIOSA", A FIM DE NOS MOSTRAR O CAMINHO CORRETO.

NÃO PODEMOS NOS PERMITIR NOS COMPORTARMOS DE QUALQUER JEITO! FOI DO SANGUE DOS NOSSOS MÁRTIRES QUE CRESCERAM AS FLORES DA NOSSA REPÚBLICA. PERMITIR-SE UMA CONDUTA INDECENTE É PISAR NO SANGUE DAQUELES QUE DERAM A VIDA PELA NOSSA LIBERDADE. ASSIM, PEÇO ÀS SENHORITAS AQUI PRESENTES QUE USEM CALÇAS MENOS LARGAS E CAPUZES MAIS COMPRIDOS. QUE CUBRAM BEM OS CABELOS, QUE NÃO USEM MAQUIAGEM, QUE...

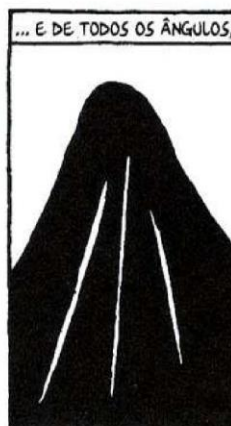








# AS MEIAS

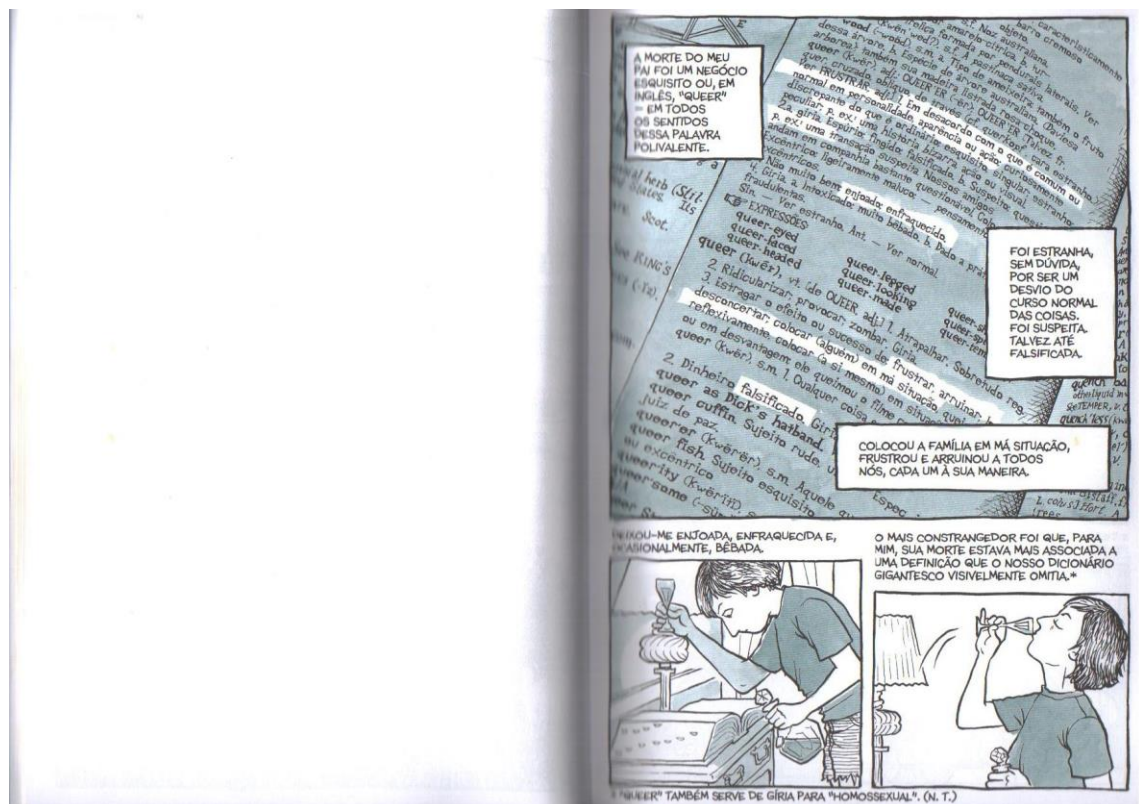
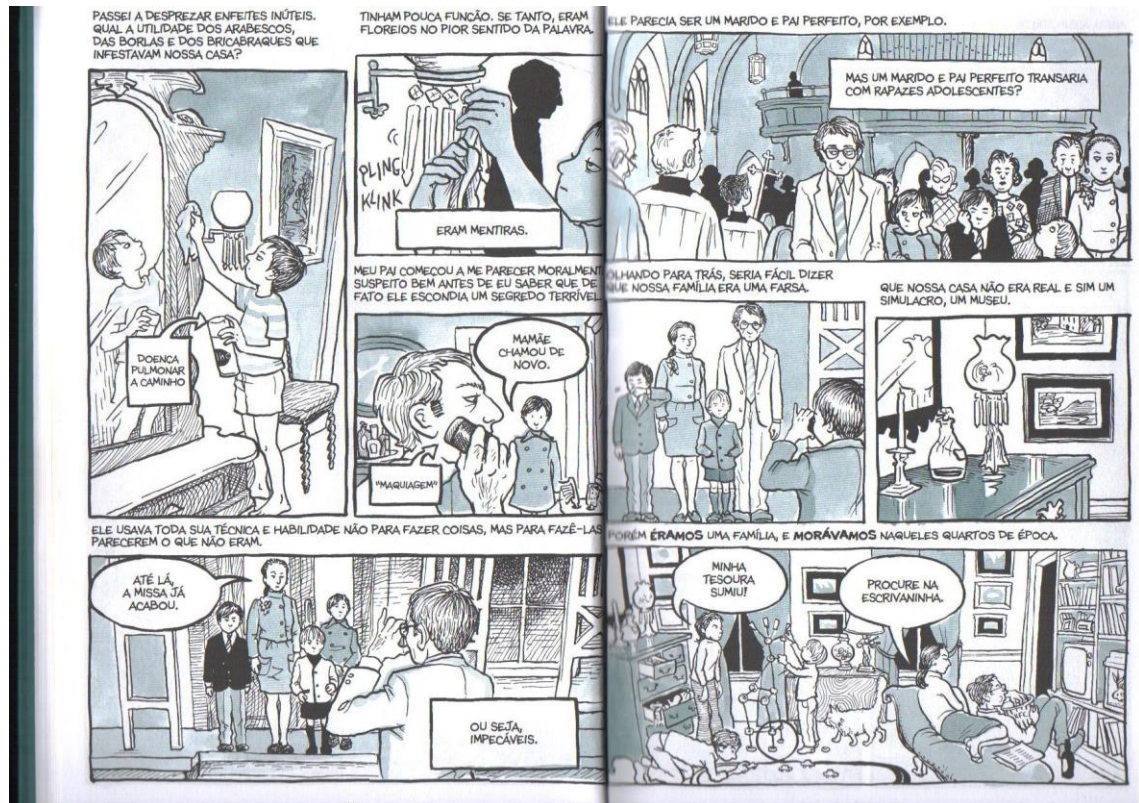














FAZIA APENAS QUATRO MESES QUE EU HAVIA FEITO UM ANÚNCIO A MEUS PAIS.



MAS ERA UMA HIPÓTESE TÃO BEM-ACABADA E CONVINCENTE QUE NÃO HAVIA POR QUE NÃO DIVIDI-LA DE IMEDIATO.

NA ÉPOCA, MEU HOMOSSEXUALISMO ERA MERAMENTE TEÓRICO, UMA HIPÓTESE NÃO TESTADA.



A NOTÍCIA NÃO FOI TÃO BEM RECEBIDA QUANTO EU ESPERAVA. HOJE UMA DIFÍCIL TROCA DE CARTAS COM A MINHA MÃE.

EU IMAGINEI QUE A CONFISSÃO SERIA UMA FORMA DE ME EMANCIPAR DOS MEUS PAIS, MAS EM VEZ DISSO FUI ATRAÍDA DE VOLTA PARA A ÓRBITA DELES.



E, COMO A MORTE DELE FOI TÃO PRÓXIMA A ESSE SOMBRIO FESTIVAL DE SAÍDAS DO ARMÁRIO, NÃO PUDE DEIXAR DE SUPOR UMA RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO.



E DEPOIS UM TELEFONEMA EM QUE ELA ME REVELOU ALGO ATORDEANTE.



EU FORA ECLIPSADA, REBAIXADA DE PROTAGONISTA DO MEU DRAMA PESSOAL A ALVIO CÔMICO DA TRAGÉDIA DOS MEUS PAIS.



POIS QUE CONTEI A ELES? EU NEM TINHA TRANSADO AINDA. POR OUTRO LADO, MEU PAI JÁ FAZENDO SEXO COM OUTRAS PESSOAS POR ANOS SEM CONTA-RE A NINGUÉM.



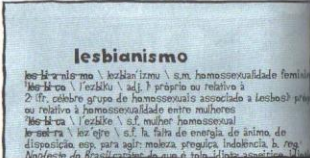
A LINHA QUE ELE TRACAVA ENTRE REALIDADE E FICÇÃO ERA REALMENTE NEBULOSA. PARA ENTENDER ISSO, BASTAVA ENTRAR EM SUA BIBLIOTECA.

FOI O QUE DE FATO ACABOU OCORRENDO, MAS DE UM JEITO QUE NENHUM DE NÓS ESPERAVA.

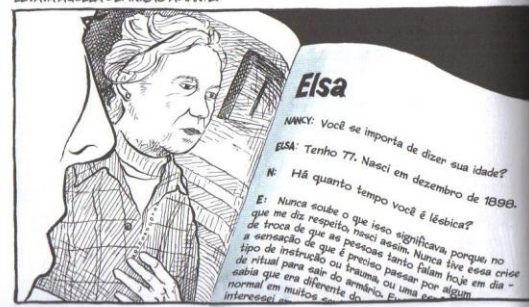


EU JÁ DESCONFIAVA DESDE OS 13...

... QUANDO DESCOBRI A PALAVRA, GRACAS AO DESTAQUE DELA NO DICIONÁRIO.



MAS AGORA OUTRO LIVRO — EM QUE AS PESSOAS DEIXAVAM DE LADO SEUS RECEIOS — LEVAVA AQUELA DEFINIÇÃO ADIANTE.



DEPOIS DO PRIMEIRO VOLUME, LOGO VIERAM OUTROS.



O LIVRO FAZIA REFERÊNCIA A OUTROS, QUE PROCUREI NA BIBLIOTECA.

ALGUNS DIAS DEPOIS TOMEI CORAGEM E COMPREI UM.



UM DIA ME OCORREU QUE EU PODIA PROCURAR "HOMOSSEXUALISMO" NO CATÁLOGO DA BIBLIOTECA.



ACHEI MAIS DE UM METRO DE TESOURO EMPILHADO, QUE DEVOREI.



E LOGO ESTAVA FREQUENTANDO ATÉ AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS, INDIFFERENTE AOS RISCOS.







MINHAS PESQUISAS ERAM ESTIMULANTES, MAS SOLITÁRIAS.

FICOU CLARO QUE EU TERIA QUE ABANDONAR O PLANO ACADÊMICO E IR À LUTA.

FUI A UMA REUNIÃO DE UM TAL "SINDICATO GAY", A QUE ASSISTI NO MAIOR DOS SILÊNCIOS.

MAS SENTI QUE APENAS A PRESENÇA LÁ VALIA COMO UMA DECLARAÇÃO PÚBLICA. SAÍ ANIMADÍSSIMO.



FOI NAQUELE ESTADO NERVOSO QUE RESOLVI CONTAR A MEUS PAIS. DE TODO JEITO, ESCONDER DELES JÁ ME PARECIA RIDÍCULO.



ESTÁ LENDO ALGUMA COISA BOA AÍ?

HM... NÃO EXATAMENTE.

ACABEI FAZENDO POR CARTA - UM MEIO REMOTO, MAS, COMO JÁ EXPLIQUEI, ÉRAMOS UMA FAMÍLIA ASSIM.

MEU PAI LIGOU APÓS RECEBÊ-LA. O ESTRANHO É QUE ELE PARECIA FELIZ EM IMAGINAR QUE EU ESTAVA EM MEIO A ALGUMA ORGIA.



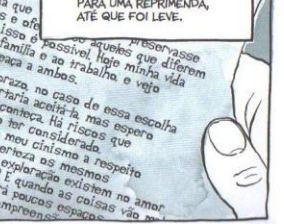
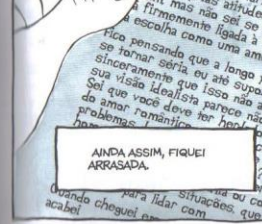
MINHA MÃE NÃO ME ATENDEU.

MAS A RESPOSTA EPISTOLAR DELA CHEGOU UMA SEMANA E MEIA DEPOIS.



HMM... ELA FOI VER TÊV. ESTAVA BEM CHATEADA.

PARA UMA REPRIMENDA, ATÉ QUE FOI LEVE.



ERA COMO A CENA EM QUE A MANICURE NO COMERCIAL DA PALMOLIVE INFORMA A CLIENTE: "SUA MÃO ESTÁ DE MOLHO NO DETERGENTE".\*



O ELEMENTO SUSPEITO SE MOSTRA NÃO SÓ BENIGNO, MAS BENEFÍCIO E, MAIS AINDA, DOMINANTE.

EU ESTAVA TÃO ENLEVADA PELA MINHA PRÓPRIA TOLERÂNCIA LIBERAL QUANTO PELA OFERTA IMPRESSIONANTE DE MASCULINIDADE PÔSTICA.



FARDAS E UNIFORMES

FOI UM FIM DE SEMANA MUITO ALEGRE. FOMOS AO BALÉ.



BARYSNIKOV

\* COM A MÃO MERGULHADA EM DETERGENTE, A DONA DE CASA DO COMERCIAL DOS ANOS 70 ESPANTA-SE AO OLHAR QUE SEUS FILHOS, LÁ NA SUA BEZERRA COMO TAMBÉM PROTEGE A PELE. (N. E.)

ELLY LEVOU MEU PAI E EU PARA CONHECER SEUS AMIGOS RICHARD E TOM. EMBORA NINGUÉM TIVESSE DITO, ENTENDI QUE ÉRAM UM CASAL.

RICHARD ESTAVA ILUSTRANDO UM FILME INFANTIL SOBRE PINÓQUIO.



NÃO SEI COMO, MAS ARRUMAMOS INGRESSOS PARA A CHORUS LINE, QUE TINHA ACABADO DE LEVAR TODOS OS TONTES.

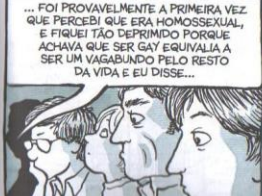


UM DIA, ME OLHEI NO ESPELHO E DISSE: "VOCÊ TEM 14 ANOS E É UMA BICHA. O QUE VAI FAZER DA VIDA?"



NÃO TRACEI UM PARALELO CONSCIENTE À MINHA PRÓPRIA SEXUALIDADE, E MUITO MENOS À DO MEU PAI.

MAS A IMERSÃO - COMO UM DETERGENTE VERDE BANHANDO A CUTÍCULA - ME DEIXOU MALEÁVEL E ABERTA A POSSIBILIDADES.



... FOI PROVAVELMENTE A PRIMEIRA VEZ QUE PERCEBI QUE ERA HOMOSSEXUAL, E FIQUEI TÃO DEPRIMIDO PORQUE ACHAVA QUE SER GAY EQUIVALIA A SER UM VAGABUNDO PELO RESTO DA VIDA E EU DISSE...



NUNCA PODEREI USAR ROUPAS BONITAS!



LEVEI O LIVRO PARA CASA, FASCINADA PELO RITMO FRENÉTICO E PORQUE ELA DESCARADAMENTE CITAVA TODOS OS NOMES, COMO NA CENA EM QUE JILL JOHNSTON ESTÁ NUM PUB EM LONDRES.

Jill se senta na minha frente dizendo que aqui não há oportunidade para heroísmo. Só agora descobri esse bar velho de segunda cheio de americanos. E cedo demais para um martini, mas peço de qualquer jeito. Jill está comendo um sanduíche. O heroísmo é suspeito, eu digo. Ela sinceramente quer ser heroína. "Pode admitir, você também", ela fala. Às vezes sim. Não agora. Agora parece enganação. Porque ela disse em voz alta.



EU ESTAVA ESPERANDO POR UM MOMENTO A SÓS COM MEU PAI. FIZ UMA TENTATIVA VALENTE DE PUXAR O ASSUNTO.

PENSEI NISSO MAIS COMO UM JEITO DE COMEÇAR A CONVERSA, E NÃO ESTAVA PREPARADA PARA FALAR A RESPEITO.



O GRUPO GAY DA ESCOLA VAI PROTESTAR CONTRA O FILME PARCEIROS DA NOITE.



POR QUÊ?

HMM... SEI LÁ, TIPO PORQUE É CHEIO DE ESTEREÓTIPOS RUINS.



MUDEI DE ASSUNTO. EM PARTE PELO ESCÂRNIO DELE, MAS PRINCIPALMENTE PELO MEDO NOS SEUS OLHOS.

NO FIM DE SEMANA, FOMOS JUNTOS AO CINEMA.

ESTAVA RESOLVIDA A FAZER OUTRA INVESTIDA.



O DESTINO MUDOU SUA VIDA?

CERTO.



NO FAROL. QUANDO FICAR VERDE EU FALO.



FIQUEI PENSANDO SE VOCÊ SABIA O QUE ESTAVA FAZENDO QUANDO ME DEU AQUELE LIVRO DA COLETTE.



O QUÊ?



AH.



NÃO SABIA, DE VERDADE.



FOI SÓ UM PALPITE.



FIQUEI IMÓVEL, COMO SE ELE FOSSE UM CERVO ESPLÊNDIDO QUE EU NÃO QUERIA ASSUSTAR.



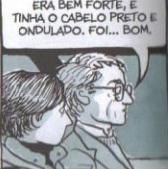
QUER DIZER QUE HOUVE ALGUM TIPO DE... IDENTIFICAÇÃO.



MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA FOI AOS 14.



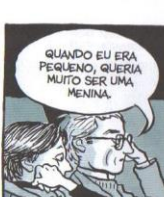
NORRIS JOHNSON. ELE AJUDAVA NA FAZENDA E NA FUNERÁRIA.



ERA BEM FORTE, E TINHA O CABELO PRETO E ONDULADO. FOI... BOM.



E ENTÃO VEIO UM RAPAZ NO MEU ÚLTIMO ANO DE FACULDADE.



QUANDO EU ERA PEREIRO, QUERIA MUITO SER UMA MENINA.



EU ME VESTIA DE MENINA.



EU QUERIA SER UM MENINO! EU ME VESTIA DE MENINO!



LEMBRA?



NÃO FOI O REENCONTRO FELIZ E CHEIO DE LÁGRIMAS DE ODISSEU E TELÊMACO.



FOI MAIS COMO STEPHEN SEM PAI E BLOOM SEM FILHO...



... TOMANDO UM DUVIDOSO CHOCOLATE NOTURNO NO NÚMERO 7 DA RUA ECLES.



MAS QUAL DE NÓS ERA O PAI?



SENTI-ME CLARAMENTE PATERNAL OUVINDO ESSA DECLAMAÇÃO ENVERGONHADA.



E LOGO CHEGAMOS AO CINEMA.

## The Order of the Stick #9

by Rich Burlew









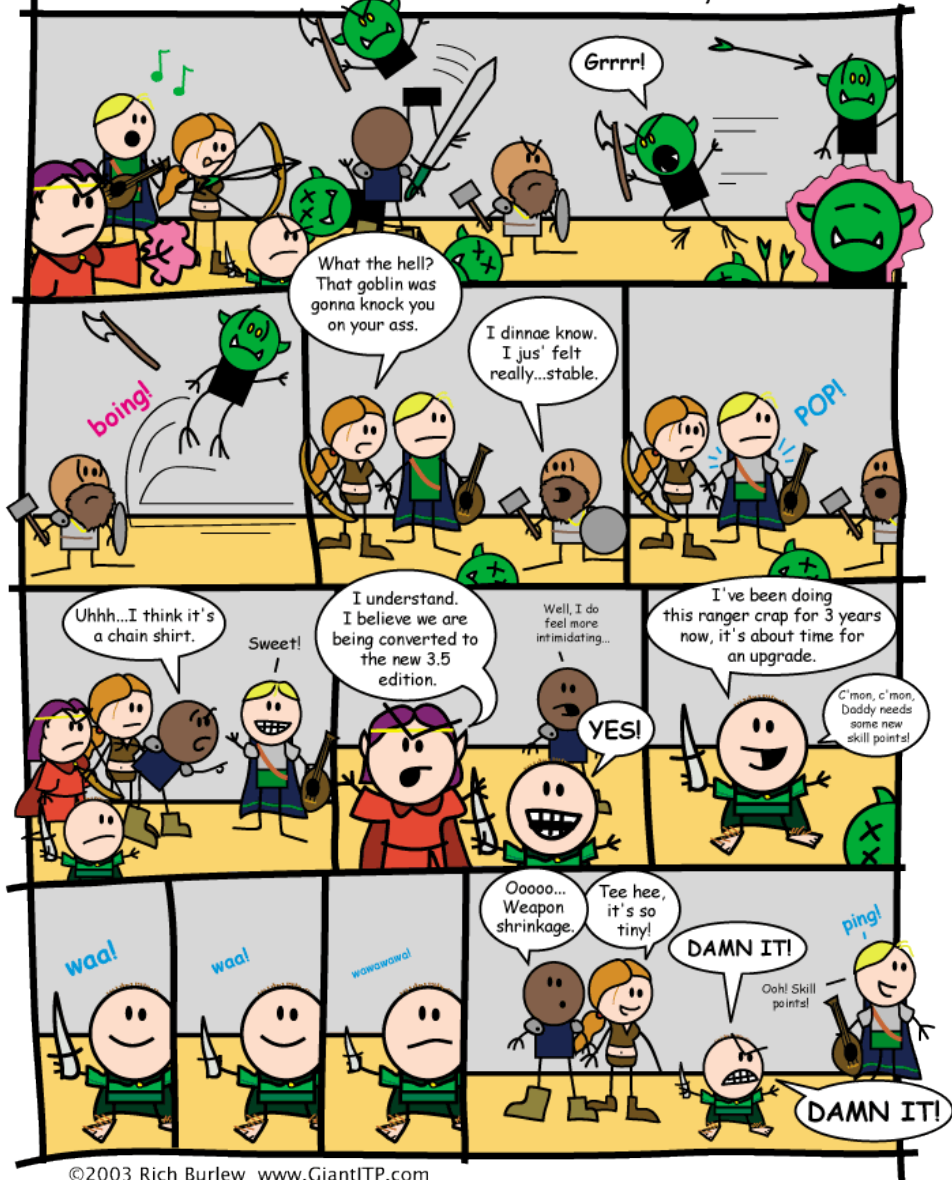
## The Order of the Stick #2

by Rich Burlew



## The Order of the Stick #1

by Rich Burlew

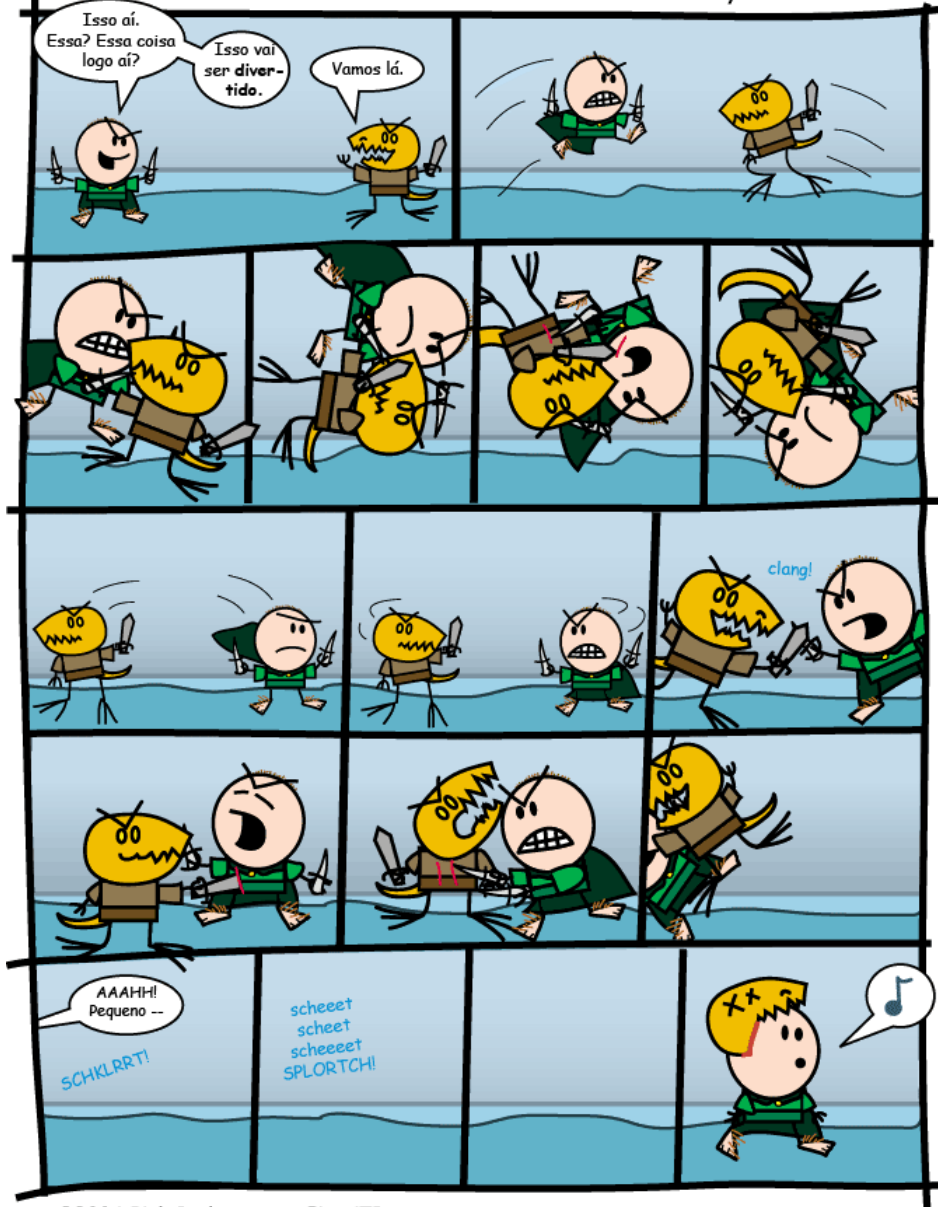




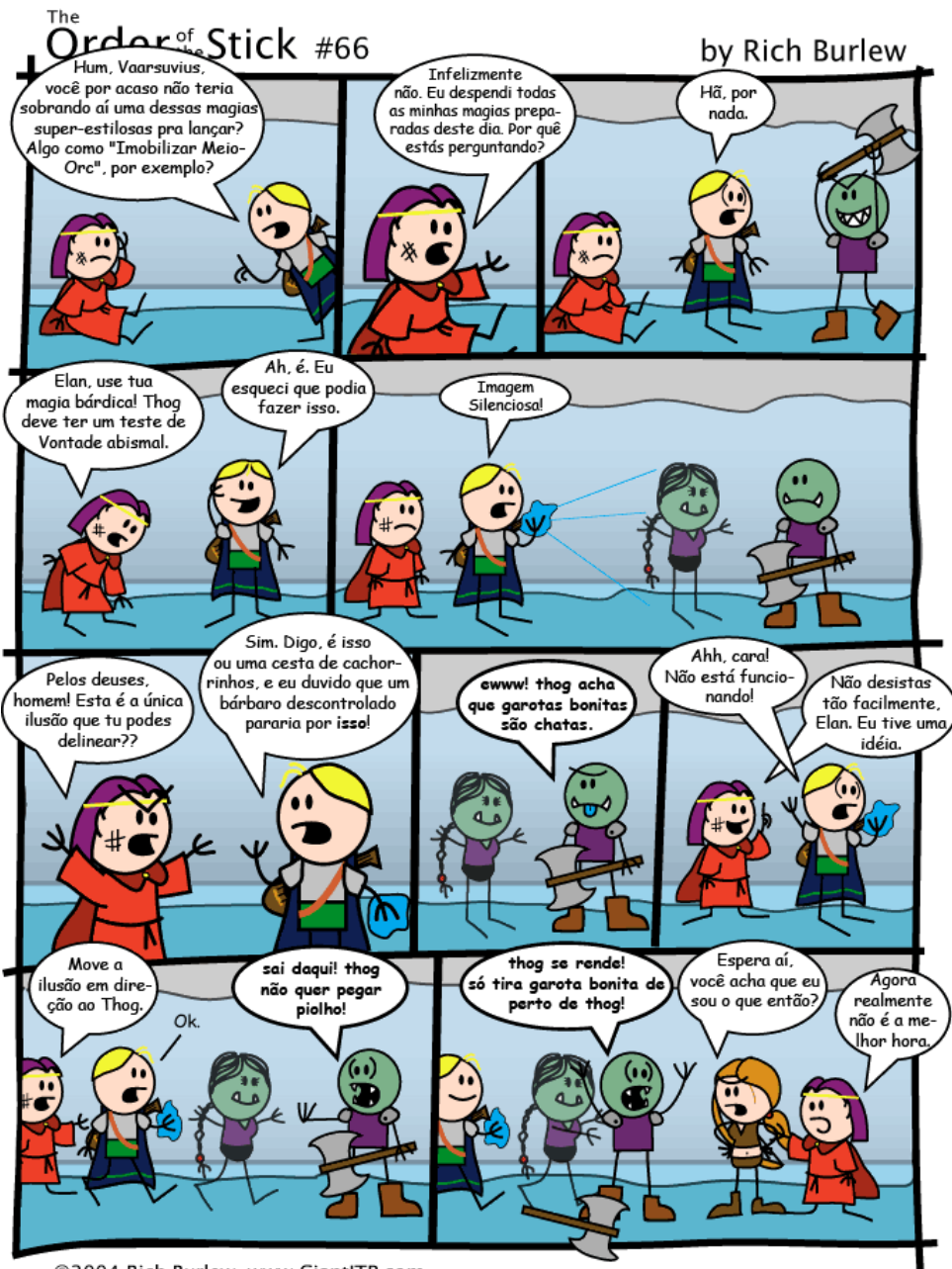


The  
Order of the Stick #63

by Rich Burlew

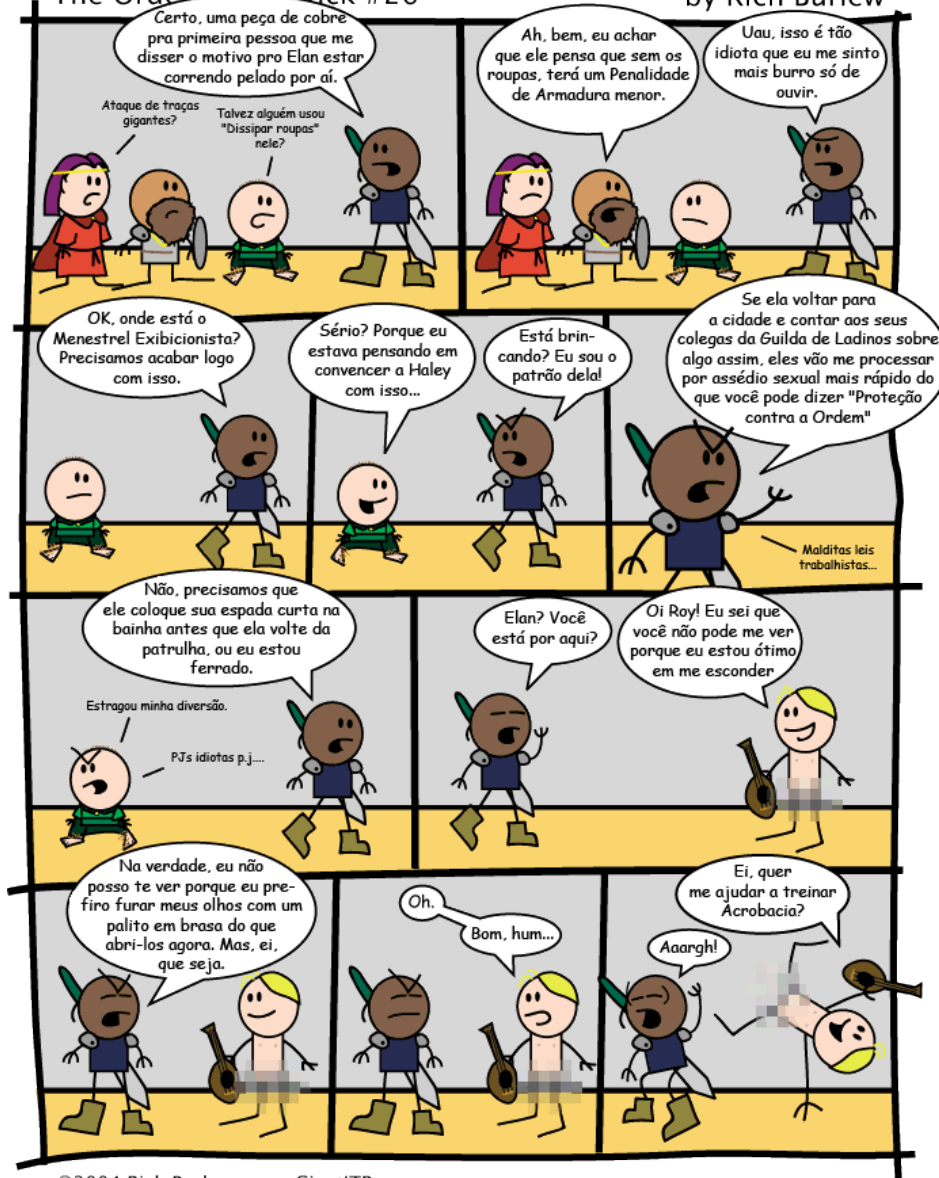






## The Order of the Stick #26

by Rich Burlew



## The Order of the Stick #28

by Rich Burlew





COSSON, Rildo. Literatura: modos de ler na escola In: SEMANA DE LETRAS, 11., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Rio Grande do Sul: Porto Alegre, EDIPUCRS, 2011.

FAGANELLO, Cláucia Piccoli. Discriminação de gênero: uma perspectiva histórica. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 10., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Rio Grande do Sul: Porto Alegre, PUCRS, 2009.

FÉLIX, Robson Gonçalves; PALAFOX, Gabriel Humberto Munoz. Relações de gênero na escola: só não vê quem não quer. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 50/3. set. 2009.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em Crise na Escola: As Alternativas do Professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 99-102.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 590-621.

OLIVEIRA, Patrícia Medeiros de. Ensino e literatura na formação do leitor crítico. In: Gomes, Carlos (Org.); Ramalho, Christina (Org); Cardoso, Ana Leal (Org.). **Anais do V SENALIC – Textos completos**. São Cristóvão: GELIC, v. 05, 2014.

OLIVEIRA, Polyanna Claudia. A importância do ensino sobre questões de gênero na educação. **Seminário de Estágio da Licenciatura em Ciências Sociais**, 2., 2011, Londrina. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

SANTOS, Aline dos; SOARES, Adriana. A questão do gênero na sala de aula. **Revista EnsiQlopédia, revista científica anual do curso de Letras**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 1, p. 23-27, out. 2011.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Leitura e literatura: pesquisa em sala de aula, uma alternativa metodológica. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.43, n.2, p.71-74, abr./jun. 2008.

Zilberman, Regina. No começo, a leitura. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996.

Sites consultados:

WIKIPÉDIA. Convenção de Seneca Falls. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Seneca\\_Falls](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_de_Seneca_Falls)>.  
Acesso em: set. 2016.

WIKIPEDIA. Dia Internacional da Mulher. Disponível em: <  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia\\_Internacional\\_da\\_Mulher](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_Internacional_da_Mulher)>. Acesso em: set. 2016.

G1 Educação. ENEM 2015. Disponível em:  
<<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/enem-2015-traz-violencia-contramulher-no-brasil-no-tema-da-redacao.html>> Acesso em: set. 2016.

Obras do projeto:

BECHDEL, Alison. **Fun Home: Uma tragicomédia em família**. São Paulo: Conrad, 2007.

BURLEW, Rich. **The Order of the Stick**. Giant in the Playground, n. 1, n. 2, n. 4, n. 6, n. 9, n. 15, n. 26, n. 28, n. 63, n. 66, 2003. Tradução não-oficial da internet. Disponível em: <<http://www.giantitp.com/comics/oots1061.html>> Acesso em: nov. 2016.

NETO, Antonio do Rêgo Barros. **O romance-reportagem em História em Quadrinhos**. 2015. Dissertação de mestrado em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis Completo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.